

A Luz de um Médico

Victor Bariani

Pedro encontra-se hoje no dia de sua formatura de médico. Irá colar grau na Sala São Paulo, fazer um juramento solene, honrando assim uma tradição milenar. No entanto, ele possui uma história que vem antes disso. Pedro ingressou aos 18 anos no primeiro ano no curso de medicina da Faculdade de Ciências Médicas de Santa Casa de São Paulo (FCMSCSP) e, agora, irá contar para nós a sua trajetória ao longo da faculdade.

Infância e adolescência

Eu não me lembro ao certo quando que minha vontade por fazer medicina começou. Aqui em minha cidade do interior de São Paulo, Tatuí, em sempre fui um bom aluno. Estudar as matérias para o colégio sempre foram para mim algo tido como “o certo a fazer”, não como uma imposição moralista de cima para baixo por parte de meus pais ou professores, mas como algo natural dentro de mim, uma convicção de que eu estava fazendo a coisa certa. É claro que, em minha vida, havia coisas mais prazerosas do que os estudos.

Eu cresci num condomínio de casas em Tatuí e tive uma infância e adolescência muito ricas. Não digo ricas nem tanto no sentido material, apesar de nunca ter faltado nada em casa, mas ricas no sentido de amigos, relações humanas boas, uma mãe e um pai que cuidaram de mim, irmãos para compartilhar a vida e uma excelente saúde! Meus pais são funcionários públicos da prefeitura. Não ganham nem muito nem pouco. Ensinar-se a valorizar os estudos desde muito cedo. Certamente isso contribuiu em muito para esse meu senso de “coisa certa a fazer” em relação a estudar.

Com meus amigos, bem, fazíamos muitas coisas, mas posso resumir em duas principais: Counter-Strike e futebol. Nossa! Que fase boa. Eram noites inteiras nas férias “smokando fundo de CT na Dust2 pros caras colarem pesadão no tapete e dominarem o bomb”. Essa era minha jogada preferida. Sempre dava certo! Perdoem-me ter usado a linguagem do jogo. Quis deixar mais autêntico assim.

Nosso time de futebol, o Pé-de-Rato FC ganhou uma vez um campeonato regional sub-17. Aquele foi o dia mais feliz da minha vida até então. Juro, correr para o meio de campo depois do apito final e abraçar meus amigos foi uma sensação de completude existencial. Ali, eu poderia dominar o mundo, eu estava inteiro, não me faltava nada. Ali eu era o próprio Henrique V da Inglaterra proferindo seu famoso discurso: “We few, we happy few, we band of brothers!”

Nossa, só de lembrar-me desse dia eu me arrepio inteiro! No entanto, hoje é o dia de minha formatura como médico. Passaram-se quase 10 anos já desde esse dia e eu sou capaz de olhar para este Pedro da juventude e dizer que ali havia uma beleza, uma potência, uma certa “completude”, mas uma grande inocência. E digo inocência não no sentido bom da pureza, mas no sentido de que a minha percepção de completude estava absolutamente errada e eu não fazia a menor ideia disso. Naquela época, eu não tinha noção do questionamento, das perguntas certas que deveria fazer a mim mesmo. Eu tinha convicções e afetos, paixões e impressões, mas elas ainda não haviam sido

testadas, eu não havia podido desempenhar uma vida prática que pudesse me dar a oportunidade de olhar para meus valores e permitir que eles justificassem essa minha vida por inteiro. Bem, talvez isso que eu esteja falando agora faça mais sentido mais para a frente em minha história. Vocês verão!

Há um outro ponto que vocês precisam saber sobre mim antes de prosseguirmos. Talvez vocês saibam, mas em Tatuí há grande conservatório de música. Foi lá que meus pais se conheceram, ainda jovens. Minha mãe estudou piano e meu pai violão. Em casa, eu e meus irmãos sempre fomos expostos à música, tanto popular quanto erudita. Num determinado momento, para não estender meu relato, eu optei pelos instrumentos de sopro, mais especificamente o clarinete. Com os estudos da música, não havia apenas senso de fazer a coisa certa, mas amor. Eu não consigo colocar em palavras, acho que talvez ninguém de fato saiba escrever algo que é feito para ouvir, mas lá estava em minha alma um amor por tudo que envolvia a música. Sua história, sua cultura, seus modos de aparição nos diferentes instrumentos, sua regência, seu domínio sobre minha alma, enfim... era uma janela para um outro mundo.

Entretanto, mal sabia eu que, dentro de pouco tempo em minha vida, pelos mesmos motivos da inocência da juventude, eu ficaria mais de dois anos sem tocar nenhuma nota de meu clarinete. Dentro de pouco tempo, passaria a ocupar-me, ou melhor, preocupar-me, com outras notas. Outro tipo de nota, um tipo muito menos belo, mas que passara a dominar a minha alma com força avassaladora.

Vestibular

A primeira grande nota desta nova natureza para mim foi a nota do vestibular. Antes disso, deixem-me explicar o porquê escolhi medicina. Como vos disse, não me lembro ao certo quando este desejo surgiu em minha alma, mas consigo dizer qual foi a minha inspiração. Foi meu tio Luiz Paulo (ele é meu tio-avô, mas eu o chamo de tio). Ele é uma figura especial em Tatuí. Médico das antigas, que ama verdadeiramente o que faz, da segunda turma da FCMSCSP, formou-se em 1969, médico desses que andam com a maleta de couro na caminhonete e “atendem de tudo”. Se você perguntar a ele qual é a especialidade dele, ele dirá simplesmente que ele é “médico”. A gente sabe que, após ter se formado, ele fez residência de cirurgia no Hospital das Clínicas, logo depois voltou para Tatuí, sua cidade natal, e nunca mais saiu de lá. Ele tem cada história... e adora quando a gente pede para ele contar.

Tem a história do sitiante que chamou ele para ver por que os peixes do açude estavam morrendo e ele descobriu que era o pesticida à base de Parathion (um composto organofosforado, tóxico para os animais), a história do prefeito bêbado que não queria deixar que a primeira máquina de tomografia entrasse na cidade porque achava que ia matar todo mundo de câncer, a história do parto que ele fez com uma mão só (a outra estava engessada) e várias outras...

O tio Luiz Paulo é uma figura magnética, cativante, fala da medicina com tanto amor e ele em si é uma figura tão inspiradora para mim que a escolha pela medicina foi bastante natural. Hoje eu vejo que o tio Luiz Paulo possui isso que almejo para mim: uma personalidade ética, uma vida cujas ações práticas são plenamente justificadas por um ideal racionalmente elaborado. No entanto, naquela época, eu nem era capaz identificar o que eu estava buscando ao certo. Como eu disse, eu estava numa fase de inocência que ainda era incapaz de elaborar as perguntas certas. porém, mesmo nesta fase de inocência, havia algo que me guiava, este algo era uma coisa que chamo de percepção de valor. Eu percebia grande valor no tio Luiz Paulo e na medicina. Essa percepção de valor não é racional, mas é nela que eu confiava e fiz bem em confiar.

Eu percebia na medicina do tio Luiz Paulo uma coisa de valor tão apaixonante, tão digno de entregar minha vida, que decidi fazê-lo. Foi diferente da música, num determinado momento, eu cheguei a pensar em ser músico profissional, eu sabia que meus pais iriam me apoiar, mas daí entra um fator muito pessoal. O chamado para a medicina foi maior. É como uma comparação de forças dentro da própria alma. A projeção da minha alma na medicina fez mais sentido do que a projeção na música. Não que eu tenha perdido meu interesse na música. Pelo contrário, continuei a estudá-la e tocá-la. Pedi ao tio Luiz Paulo que ele me indicasse algum bom livro sobre medicina e ele me indicou dois. Ele era um leitor voraz dos russos, então sugeriu-me ler “*A morte de Ivan Ilich*” de Tolstoi e “*Anotações de um jovem médico*” de Mikhail Bulgákov. Devorei-os ambos em menos de um mês e daí eu já estava “com a água no pescoço”, como se diz, completamente imerso numa vocação para medicina.

O meu colégio em Tatuí adotava no terceirão um método de apostilas de um sistema de cursinho pré-vestibular bem famoso em São Paulo e que fornecia também um material on-line de reforço específico para “turmas de medicina”. Então eu mergulhei de cabeça nos estudos naquele ano. Eu já tinha uma boa base, pois, como disse, eu fora sempre um bom aluno, mas eu sabia que precisava estudar. Preciso ser sincero: eu tinha medo do vestibular. Tinha um amigo meu da cidade cujo irmão mais velho havia tentado por seis anos uma faculdade pública de medicina e não havia conseguido passar. Os pais não podiam pagar uma particular. No fim, ele prestou odontologia e conseguiu uma vaga na Federal de Juiz de Fora pelo SISU. Acho que ele está para se formar, mas nunca mais ouvi falar dele, não sei se ele está feliz ou não. A gente sempre ouve essas histórias, ainda mais em cidade de interior.

Simplesmente pelo fato de precisar estudar mais eu naturalmente passei a ver menos os meus amigos e oficialmente me desliguei do conservatório. Eu tocava meu clarinete em casa no final do dia para desestressar. Além disso, encontrava o pessoal do Pé-de-Rato FC mais on-line mesmo, para jogar um CSzinho. O pessoal do time também estava na pilha dos estudos, mas eu era o único prestando para a medicina. Além disso, um ou outro ali, como eu, queriam sair da cidade ou da região. Atualmente, Tatuí tem algumas faculdades até que boas, mas eu queria fazer uma faculdade de medicina em São Paulo.

Vieram os vestibulares e meus pais foram meu principal apoio, sem eles eu com certeza não teria conseguido. Lembro até hoje de meu pai me levando em cada prova em São Paulo e tentando me transmitir tranquilidade, lembro de minha mãe, devota de Nossa Senhora de Fátima, dando-me um terço para colocar em meu bolço durante as provas, lembro-me das pancadas fortes de chuva que davam no meio das provas, lembro-me da sensação de cabeça cheia e de estar até tonto após entregar a prova com o gabarito respondido para o examinador e lembro-me da ansiedade de, depois, conferir quantos acertos eu fiz.

Mas o que eu mais lembro, foi do exato momento no qual eu soube que fora aprovado em medicina na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Daí em diante, eu só conseguia ver minha vida para a frente e com total confiança. Nada poderia dar errado! Mais uma vez, nada me faltava, eu estava completo!

Faculdade, o começo

- Faaaaaala calouro, qual é o seu nome??

- Pedro, e o seu?

- Pedro? Tá maluco? Ninguém te deu nenhum apelido ainda?? Mano, chega ai, *vamo colá* lá no treino para a Calomed hoje depois da aula pra você conhecer a galera. Você vai curtir, *séloko*, bom demais. Alias, eu sou o calouro Esmeraldo. E é pra falar assim mesmo quando algum veterano te perguntar: calouro (e daí o apelido que você receber).

A calomed era uma competição esportiva entre os calouros de medicina. Funcionava como um grande evento canônico entre nós, ingressantes do primeiro ano, e quem não participasse estaria, assim nos parecia, perdendo uma grande oportunidade na vida ou algo do tipo. Aqueles que não decidiam participar eram chamados de “*migués*”.

- Esmeraldo?

- Não! É calouro Esmeraldo. Fica ligado, é sério esse negócio de apelido. *Ow*, é *mó* honra ter um apelido aqui na faculdade cara. Tipo, quem é *migué* não tem. Se você pegar os caras mais fodas das antigas e tal todos eles tinham apelido. Mas entre nós, calouros, não precisa chamar de calouro Esmeraldo. Tipo, você só me chama de Esmeraldo, ta ligado? Ou Esmeras kkkkkk

Neste momento eu fiquei pensando em qual teria sido o apelido do meu tio Luiz Paulo. Ele já havia me contado várias histórias do seu tempo de faculdade. Eu as sabia *de cor*! A minha favorita era a de quando o Zé Roberto, um amigo seu, fingindo ser padre, invadiu a clausura das freiras, que naquela época ainda eram as enfermeiras do hospital, para ir avaliar uma irmã muito doente e muito deprimida que “queria ser levada por Deus” e recusava atendimento médico. No entanto, meu tio nunca mencionara nenhum apelido. Eu também já havia conhecido amigos do meu tio e todos o chamavam de Luiz Paulo ou, às vezes, *Luizinho*. Será que meu tio era *migué*?

- Ok, entendi! Mas por que Esmeraldo?

- Ahhh, você já está pegando o espírito dos apelidos! Viu como é legal? O lance é que todo apelido tem uma explicação e tal.

- Tá bem, mas por que Esmeraldo?

- É que Esmeraldo é o meu nome!

Naquele momento, juro eu não entendia mais nada!

- Esmeraldo, como assim? Você tem ou não um apelido?

- Tenho velho, eu já te falei! É que o Bola-Fora da atlética achou meu nome tão doido que resolveu que meu apelido seria o meu próprio nome. Sacou? Aliás, cuidado com ele. Ele é meio troteiro. Vai implicar com você estar cabeludo e tal. Mas é só no começo, depois ele fica gente boa.

Bem, depois daquele confuso mas inesquecível diálogo com o Esmeraldo, um amigo que iria me acompanhar nessa jornada de seis anos, o dia passou e eu passeio-o inteiramente imaginando como viria a ser o tal treino. Eu já sabia que esperavam de nós, calouros, muitas coisas: dedicação, respeito, força de vontade e entrega. Eu sabia que esse lance dos treinos era uma coisa meio “tudo ou nada”. No entanto, quis dar uma chance, pois existia algo ali que era apaixonante, que me atraía. Não sei dizer ao certo, mas creio que era o senso de pertencimento. Queria um “novo Pé-de-Rato” para chamar de meu time.

No caminho para o treino, fomos no carro do Esmeraldo. Ele é um desses paulistanos bem caricatos. Nasceu aqui, estudou num colégio tradicional da zona oeste, seus pais são médicos e assim que ele passou na faculdade ganhou um carro. Uma BMW *zeradinha*, mas com 10 calouros dentro indo para o treino e ainda com um forte cheiro de marmitta. No caminho, Esmeraldo quis saber mais sobre minha vida. Conteí sobre Tatuí, sobre meu tio Luiz Paulo ser da segunda turma,

sobre meus amigos, meu time de futebol, mas o que chamou mais sua atenção foi a história do clarinete.

- Clarinete? Você tá me zoando né? Não é aquela flautinha que o Lula Molusco toca? Por que você não quis tocar guitarra ou bateria? É muito mais *dahora*! Nunca ouvi uma banda que tivesse clarinete nas músicas. Aliás, mesmo que tivesse eu provavelmente não saberia distinguir. Então meio que tanto faz...

- Olha, eu cheguei a tocar um tempo violão, o meu pai toca violão clássico e popular, mas nos meus estudos eu achei mais interessante os instrumentos de sopro e acabei me apaixonando pela sonoridade do clarinete. Existem muitas composições para música de câmara nas quais o clarinete é o instrumento solista e a orquestra faz o acompanhamento. Você já deve ter ouvido o famoso Bolero de Maurice Ravel, por exemplo.

Esmeraldo calou-se. Não quis demonstrar ignorância. No treino, rolou uma pressão inicial forte, aquele discurso padrão para quem estava indo pela primeira vez, os veteranos do segundo ano falaram que era obrigação nossa ganhar a Calomed e depois entrar para as equipes esportivas etc. Treinamos basquete, handebol e depois futebol de campo. O pior foi que eu me senti muito bem treinando. A interação com os outros calouros, a prática das modalidades esportivas, o clima do pessoal se conhecendo, tudo isso agradou-me demais.

Eis que chegou, no final do treino, o Bola-Fora da atlética perguntando quem ainda não tinha apelido. Ele logo viu meu cabelo cumprido e acertadamente imaginou que eu ainda não fora iniciado em toda aquela loucura.

- Fala calouro, e esse cabelão aí? Você joga bola bem. Eu sou o Bola-Fora, do fut-campo. Quem é você.

- Eu sou o Pe.. quer dizer, calouro Pedro.

- Pedro? Você ainda não tem apelido calouro?

- Não tenho.

- Ele toca clarinete! – Interveio atravessadamente Esmeraldo.

- Clarinete?? – disse o Bola-Fora – Como assim calouro? Você dança em festa de debutante também? Kkkkkk brincadeira calouro! Fica tranquilo. Vou pegar leve contigo porque você joga bola bem. Mas daqui em diante você será o calouro Clarinete.

As provas

A Calomed passou, fomos campeões! Outra sensação maravilhosa na minha vida. Nunca irei esquecer aquela final do fut-campo contra a Faculdade de Medicina do ABC. Zero a zero até 42 minutos do segundo tempo. Eu avanço com a bola pela direita num campo de ataque totalmente irregular, cheio de buracos. Os DMs da ABC eram mais espertos que os nossos e passaram o *bizu* para o capitão deles escolher o campo, de modo que a parte mais irregular ficasse conosco para ser atacada no segundo tempo. Mas lá estava eu, exausto, depois já de ter jogado as finais do handebol, vôlei e futebol de salão. Era nossa última final. Valia a taça da Calomed! Se perdêssemos a ABC seria campeã, seríamos uma vergonha para a faculdade. No entanto, lá estava eu, a bola nos meus pés, o total controle comigo, o mundo fora de minha cabeça em completo silêncio e toda a minha existência resumida naquele pedaço de campo esburacado a ser percorrido com uma bola em meus pés.

Eu passo pelo volante da ABC com facilidade. Tomo o cuidado de, no drible, não adiantar muito a bola para que o lateral não chegue a tempo de tomá-la. Adianto-a na exata medida, a distância suficiente de provocar no lateral o ímpeto de correr atrás dela, mas não a tempo de ele chegar antes de mim. Está dando tudo certo! O lateral tem a perna também cansada. É um japonês bom de bola, mas seu cansaço o trai. Agora está tudo livre. Abri uma avenida para mim na lateral esquerda da ABC. A única jogada defensiva possível que resta para eles é o zagueiro grandalhão desengonçado vir correndo com tudo em minha direção para tentar tirar a bola de mim ou fazer uma falta. Tarde demais. Nessa, ele precisa deixar quem ele estava marcando livre dentro da área. E quem era esse nosso atacante que fica livre dentro da área? Ninguém menos que Esmeraldo! Nosso camisa nove. Neste momento a perna cansa, eu tenho uns dois ou três segundos para perceber o que está acontecendo e sobe em mim uma adrenalina absurda. É isso, é tudo ou nada. Eu preciso acertar esse cruzamento. Então toma: adianto a bola com a perna direita e, com ela mesma, faço um cruzamento perfeito mirando na marca do pênalti que acaba na cabeça do meu atacante. Ele pega a bola na passada, está livre. O grandalhão está no meio do caminho entre mim e ele. O goleiro não sai da pequena área. A bola vem com força e encontra uma cabeça dura. GOOOOOOOLLLLL!!!

Nossa, eu não consigo descrever aqui a emoção daquele momento, o delírio da torcida, a cara do Bola-Fora, tudo parecia um êxtase infinito... O Esmeraldo chorava compulsivamente e dizia que me amava, que seríamos irmãos para sempre, em menos de 15 minutos ele perdeu a voz, depois, no ônibus de volta para São Paulo, o motorista queria deixá-lo na rodoviária de Campinas por mau comportamento. Bebeu todas, deu o maior PT! Mas foi uma grande festa!

Ah! Mas tudo passa, não é mesmo? Depois que a Calomed passou, começou uma rotina na faculdade que durou uns bons anos. Nessa rotina, existe uma preocupação constante, que são as provas. Havia uma percepção permanente em mim de que eu estava devendo algo. Nunca eu estudava tudo que havia para estudar. Além disso, parece que nunca eu estudava aquilo que *de fato* eu gostaria de estudar. O meu bom e velho clarinete, por exemplo, eu o tocava cada vez menos. No começo, ele era um grande companheiro para desestressar no final do dia, para ser um momento de “descompressão”, mas não só isso. Existiam obras as quais eu gostaria de estudar e, no entanto, eu percebia que, na medida em que me dedicava a estudá-las, surgia em mim um mal-estar por não estar estudando a matéria de morfologia ou bioquímica. Matéria esta que, por mais que eu prestasse atenção nas aulas, anotasse-as no meu tablet e estudasse tudo certinho pelos resumos dos anos anteriores, ainda restava sempre uma sensação de: não foi o suficiente, não estou completo, tirei 5,2, vou repetir de ano.

Ah! Como eu sinto falta daquela sensação de estar no controle, com a bola nos meus pés, ou dentro do condomínio com meus amigos, ou no conservatório. Meu Deus, eu seria capaz neste momento de fazer-lhe uma oração. Onde está, aliás, aquele terço de Fátima que minha mãe me lembrava de colocar no bolso para as provas? Eu te pediria Senhor: dá-me de volta a sensação de estar no controle de minha vida!

Mas o que é isso que tomou o controle de minha vida? Que coisa é essa a qual eu voluntariamente me submeto e que, mesmo sendo de minha autoria, parece não estar sob meu controle? Que forma de vida estranha é essa a do estudante de medicina, a qual parece só fazer algum sentido para eles próprios, mas chega a ser tão despótica que eu nem ousar tentar explicar aos meus pais.

Aliás, eles têm notado que eu ando meio distante. Minha mãe me liga, mas eu fico sem assunto com ela, como se precisasse desligar logo a ligação, mas eu não preciso. Ela é muito bondosa. Ela falava para mim sempre “vai lá filho, você deve estar precisando estudar” como uma

forma de compreender por parte dela essa minha ânsia por desligar a ligação. Eles mesmos compraram esta versão de que “o Pedro precisa estudar”. Afinal, ele vai “*virar doutor*”. E é isso que ou doutores fazem, certo? Eles *estudam*.

Surge em mim então, desde muito cedo na faculdade, essa urgência por *estudar*. Olha, é preciso aqui deixar claro o termo. Não se tratava de buscar conhecimento, como que cumprindo uma função antropológica humana antiquíssima, já descrita lá na metafísica de Aristóteles. Também não se tratava de melhorar-me enquanto pessoa, buscando aprimorar minha vida prática, os meus valores e minha capacidade de pensar. Tratava-se da necessidade de *aliviar uma tensão obsessiva por meio do estudo*.

Sim, com a quantidade de disciplinas e matérias que nos foram apresentadas, foram surgindo em mim demandas por resolvê-las, verdadeiras obsessões. Eu vinha de um modelo de estudos no qual o acúmulo de conhecimento era bom e suficiente. E por conhecimento aqui, não quero enganar vocês, eu queria dizer algo específico como saber resolver um problema de física no cursinho. Eu não entendia ainda que o conhecimento científico exige mais do que apreensão e compreensão de uma quantidade de coisas. Conhecimento exige hierarquia, integração e contexto. Mais do que isso, conhecimento exige sua integração à personalidade de quem o conhece. Eu preciso incorporar aquilo que conheço numa estrutura ética e personalíssima, que é aquilo que chamo de *Eu*.

Ainda na faculdade, até a noite em que tudo finalmente fez sentido e eu finalmente comecei a incorporar a medicina em minha personalidade, eu ainda resolvia as matérias como resolvia exercícios no cursinho — uma questão de cada vez e dissociadas de um todo e de mim — mas a medicina não é uma lista de questões. É um organismo. E eu não sabia ainda como pensar organicamente, muito menos fazia ideia de que ela seria em algum momento implementada em minha alma e eu não mais passaria a estudá-la, mas a estudar-me por meio dela. No sentido que eu passaria a ser um instrumento para sua realização. Ah, aquela noite de dezembro... como esquecê-la? Hoje eu colo grau, mas foi lá onde nasci como médico. Lá eu já poderia fazer meu juramento de Hipócrates. No entanto, há ainda uma ou outra coisa a dizer antes de chegar àquela fatídica noite natalina. Eu ainda haveria de afundar-me em trevas antes de ver a luz.

As trevas

Eu sempre fui muito família, como se diz. No entanto, existia algo que estava me distanciando deles. Mas não só deles. Existia algo que estava me distanciando de Tatuí, do Pé-de-Rato, do Clarinete, enfim, de mim mesmo!

Quando eu voltava para casa, nas férias, eu ficava bem. Era bom rever os amigos, a família, o pessoal do conservatório etc. No entanto, existia em mim uma sensação de que eu já não estava plenamente conectado com eles e, ao mesmo tempo, não estava conectado com nada. Apenas com os tais *estudos*. Claro, havia os treinos do *futcampo*, a convivência social da faculdade, as amizades, os jogos universitários, a vida em São Paulo e outros elementos os quais eu vivia. Calma lá! Eu não era nenhum sem noção que ficava o dia inteiro estudando também né...

No entanto, tudo girava em torno dos estudos. Ah, os estudos... era com eles que eu estava conectado. No entanto, tal conexão realmente não era capaz de preencher-me existencialmente. Existia um vazio dentro de mim que só poderia ser preenchido por um ideal de outra natureza, não obsessiva, mas amorosa e racional.

Era como numa peça em ré menor. Pode-se, por alguns compassos, fugir do campo harmônico, aventurar-se por tonalidades vizinhas, insinuar uma tensão aqui e ali. Mas, cedo ou tarde, a música exige o retorno à tônica. Há um ímã secreto que puxa tudo de volta para o centro. Assim também eu: podia distrair-me por algumas horas, tocar duas ou três notas no clarinete, conversar qualquer banalidade, até mesmo estudar menos para uma prova. Mas tudo modulava de volta para o mesmo acorde: os *estudos*.

Mesmo quando, por motivo de cansaço e indiferença, eu estudava pouco para uma prova — afinal, quem aguenta aquelas matérias do quarto ano? — o tema continuava sendo os estudos. A minha fuga não era uma verdadeira modulação para outra tonalidade; era apenas uma suspensão provisória antes da resolução inevitável.

No entanto, eu ia ficando mais e mais cansado. Afinal, viver um sintoma por muitos anos deixa a gente acabado, exausto, irreconhecível... Eu comecei a apegar-me a tudo que me desse uma migalha de ânimo: fiquei viciado em redes sociais. Por vezes nas passagens de caso nas enfermarias, entre um paciente e outro eu abria o Instagram. Fiquei fanático pelas minhas opiniões políticas, achando que as pessoas “votam errado”, com muita raiva de todo mundo. Fiquei viciado em pornografia, objetificando as mulheres da faculdade junto com meus amigos, eu já nem pensava mais se isso era certo ou errado. Perdi também a capacidade de gerir minha saúde, eu comia e bebia coisas ruins e fora do horário e, claro, passei a usar drogas com o pessoal. No começo foi com a desculpa para desestressar, mas em pouco tempo eu já usava quase toda semana nas festas. Eu sabia que eu não estava bem, mas não conseguia parar.

Esse era o campo harmônico da minha relação obsessiva com os estudos. Cheio de acidentes. Uma música triste e da qual eu não me orgulho de ter tocado, mas que é preciso confessá-la.

O Esmeraldo chamou-me para uma grande festa que iria ter. Coisa fina, só o pessoal da Faria Lima, ele disse. Mais ainda, ele disse que conseguiu para nós o camarote Campari-XP, pois a mina dele é amiga do Felipe Enzo, filho do dono da Campari. Ele fez a maior propaganda para mim dessa festa. Falou que eu tinha que ir. Disse que o tema era *sunset Ibiza*. Só que o valor era R\$ 1.000,00 a entrada, com R\$ 500,00 de consumação. A princípio eu disse a ele que não tinha interesse, ainda mais com esse valor. Ele insistiu, falou que só ia *mina top*. Disse que a gente andava muito estressado, muito preocupado com as provas de residência já chegando e que seria uma boa ocasião para desestressar, só *curtir*, não pensar em nada.

De fato, naquela altura nós já estávamos no meio do quinto ano, passando pelo estágio de ginecologia e obstetrícia, e os estudos da faculdade não eram mais eles, sozinhos, motivo de preocupação para mim. Existia algo, um grande fantasma, que se avizinhava, tratava-se da temida prova de residência médica. Eu, assim como meu tio, queria fazer cirurgia, mas acontece que, hoje em dia, para passar na prova de residência, você precisa simplesmente entregar a sua alma aos estudos e não fazer mais nada da vida. Pelo menos, era assim que me parecia. Então todo dia, muitas vezes ao dia, vinha em minha cabeça essa preocupação: a prova de residência.

No entanto, para a festa de sunset Ibiza a ser realizada num rooftop da Faria Lima, eu realmente não tinha dinheiro. Apesar, de reconhecer que seria uma festa *top*. Além disso, o Esmeraldo alertou-me que haveria um *dress code* informal, mas importantíssimo. Era preciso estar de camisa de linho e bermuda branca, ambos da Reserva, sapato estilo velejador e óculos de sol da Persol. Além disso, eu precisaria ir cortar o cabelo no mesmo barbeiro do Esmeraldo, porque ele que manja fazer o corte no estilo *old money*, que deixa o cabelinho pra trás.

- Meu Deus, Esmeraldo, eu não sei nem o que te dizer... isso tudo é muito caro. Eu não tenho dinheiro! Eu até queria ir e tal, mas assim infelizmente não vai dar.

Foi então que Esmeraldo respondeu-me:

- Vende o clarinete.

E eu o vendi. Ah, o demônio sabe como eu o vendi. meu bom e velho clarinete. Troquei-o por uma festa sunset Ibiza num rooftop da Faria Lima. Hoje, eu não gosto nem de lembrar-me daquela festa. Como eu vos disse, naquele tempo eu realmente não estava bem. No entanto, este meu troço teve uma parte na constituição de minha redenção.

A luz

Depois que a festa passou, a venda do clarinete pesou em minha alma. Senti-me culpado, passei a não mais estudar direito, estava desfocado. Naquela altura do campeonato, verdade seja dita, eu já sabia muita coisa de medicina, muita coisa naquele modelo “de cursinho” que falei a vocês. A faculdade apresentou-me excelentes oportunidades de aprendizado, professores interessados em ensinar, um ambiente rico em discussões e florescimento de ideias aliado à tradição antiquíssima da medicina. É que, para mim, o conhecimento ainda não estava incorporado em minha personalidade. O amor pelo conhecimento e pelos pacientes não era, para mim, um ideal-último, uma ideia-final, racionalmente incorporado em minha vida e capaz de justificá-la por inteiro, capaz de justificar cada ação prática minha. Minhas ações práticas eram guiadas por uma necessidade pessoal de estudar, sem amor, com muita racionalização, mas pouca racionalidade.

Eu somente fui capaz de perceber tudo isso olhando sinoticamente para minha vida, vendo-a como um todo, lançando sobre ela um olhar racional e creio que, por mais irônico que pareça, se não fosse essa minha queda, esse meu momento de trevas, eu provavelmente não conseguiria ver a luz. Falando em luz, vou contar então, agora, o dia em que nasci como médico, o dia em que a medicina começou a ser incorporada em minha vida como um ideal verdadeiramente bom, o qual pode guiar as minhas ações práticas.

Era dezembro, minha mãe me ligou perguntando-me se eu iria passar o Natal em casa. Meu coração estava sedento por voltar para casa. Eu precisava muito estar com minha família e amigos de infância. Mas não era só isso. Minha mãe fez para mim um pedido especial. Ela me pediu para tocar no concerto de Natal do conservatório, pois o flautista principal havia quebrado o punho andando de moto e ficaria três meses engessado. Ela me disse que esse era um pedido especial do maestro Zezinho. Cá entre nós, eu sabia que minha mãe e o maestro estavam de conluio para que eu voltasse a tocar mais. É impressionante como mãe nos conhece às vezes melhor do que nós mesmos. Toda orquestra possui músicos reservar e a gente sabe disse. No entanto, eu fingi demência e aceitei. Fiquei com vergonha de contar que havia vendido o clarinete e omiti este pequeno detalhe. No entanto, perguntei qual seria a peça, para eu estudá-la. Que alívio quando minha mãe disse que seria o Weihnachtsoratorium (Oratório de Natal) de Bach. Essa peça não tem clarinete (óbvio, esse instrumento surgiu somente no final do século XVII). Provavelmente o maestro Zezinho iria me colocar no conjunto de flautas. Na hora eu comprei pela internet uma flauta soprano de 50,00 reais, chegou no dia seguinte e eu voltei a praticar todos os dias. Eu já conhecia aquela peça, então foi mais fácil. Passei também a ir aos finais de semana para Tatuí para ensaiar com a orquestra e para ficar com minha família.

Eis que chegou o dia do concerto, que acaba também por ser o fatídico dia do meu nascimento como médico: 24 de dezembro. Tudo certo para a noite, estou arrumado, minha família

está orgulhosa, eu estou me sentido bem comigo mesmo e por um momento consigo não pensar nos estudos de uma forma muito mais saudável do que as festas que o Esmeraldo me levava para “desestressar”.

Eu preciso ir antes da minha família ao Parque Municipal, que fica um pouco longe da cidade. Naquele ano o maestro havia resolvido inovar e fazer a apresentação ao ar livre, fora do teatro. Peço um táxi e saio com antecedência. Estou arrumado. Levo comigo apenas a pasta com as partituras e meu celular. O taxista conhece meu pai, fica todo orgulhoso de estar levando em seu taxi “o doutor”. Que besteira, penso eu. Se ele soubesse as baixezas que eu cometo não me trataria assim. Ele me pergunta se, quando formar-me, irei retornar a Tatuí para “clinar” na cidade. Eu respondo que não sei ainda, que primeiro preciso passar na prova de residência médica. A corrida segue, mas, ao chegarmos perto do parque uma cena que mudaria para sempre minha vida acontece.

O taxi é abordado por uma mulher jovem sozinha, uma moradora de rua, que nos pede ajuda. Sua cara é de desespero. Eu imediatamente entendo tudo o que está acontecendo. Ela está para dar à luz. Mas de onde saiu esta mulher? Penso eu. Estamos longe da cidade. Peço ao taxista que pare o carro. Pronto, aí está. Imaginem a cena. Eu poderia ter falado para ele seguir em frente. Afinal, eu tinha um compromisso. Mas o que me fez parar? Eu tive compaixão daquela mulher. Eu quis ajudá-la. Eu quis que meu coração naquele momento fosse um coração misericordioso.

- Qual é o seu nome moça?

- É Miriam, seu moço.

- Ok Miriam. Eu vejo que você está para ter bebê, certo? Meu nome é Pedro, eu sou estudante de medicina e vou te ajudar. Ok?

- Ah, Dr. Pedro! Graças a Deus! Jesus ouviu minha oração!

- A senhora está de quantas semanas? Fez pré-natal certinho? Teve algum sangramento hoje?

- Dr., eu estou de nove meses já, eu fui no postinho algumas vezes e fiz os exames e a bolsa estourou faz umas duas horas. Está doendo muito acho que vai nascer! Ahhhh!! Está vindo uma contração agoraaa!

- Sra. Miriam, eu vou precisar examinar a senhora, ok?

Ao exame, a situação era inequívoca. Miriam apresentava dilatação cervical completa, colo apagado, bolsa rota, e contrações regulares, intensas, com intervalos curtos. A cada contração, havia abaulamento evidente do períneo. À inspeção, já se visualizava o polo cefálico insinuando-se no introito vaginal. Estávamos claramente no período expulsivo.

Não havia tempo para transferência segura. A cabeça estava em plano baixo, coroando. Orientei-a a respirar durante as contrações e a não fazer força fora delas. Preparei o campo da melhor maneira possível dentro das circunstâncias.

Na contração seguinte, a distensão perineal tornou-se máxima. A cabeça fetal exteriorizou-se lentamente, realizando o movimento de deflexão. Sustentei-a com uma das mãos para controlar a saída e evitar laceração extensa. Verifiquei rapidamente a presença de circular de cordão e, graças a Deus, não havia.

Com delicada tração controlada, primeiro o ombro anterior deslizou sob o arco púbico; em seguida, o posterior liberou-se sem dificuldade. O restante do corpo nasceu em sequência, escorregadio, quente, surpreendentemente leve nas minhas mãos.

O recém-nascido chorou poucos segundos depois. Avaliei rapidamente tônus, frequência respiratória e coloração: estava vigoroso. O alívio só veio quando percebi que Miriam também chorava, mas de exaustão, felicidade e incredulidade.

A placenta foi dequitar-se espontaneamente alguns minutos depois, íntegra à inspeção. Controlei o sangramento, avaliei o períneo quanto a lacerações, que eram discretas.

Ali, improvisado, sem centro cirúrgico, sem foco de luz adequado, sem material, o essencial havia acontecido: mãe e filho estavam unidos e estáveis.

E eu, por alguns minutos, pareci perfeitamente organizado novamente. Naquele momento, desabei num choro soluçante, incontinente, redentor! O taxista também corou. Estávamos os quatro a chorar! Que cena meu Deus...

Enquanto eu verificava a presença de hemorragia, que não havia – bom sinal! – e ao mesmo tempo repetia o APGAR do bebê, que ganhou nota 10 no quinto minuto, eu ouvi ao fundo a sirene do corpo de bombeiros. Nem me dei conta, mas assim que comecei a examinar Miriam, o prudente taxista já discara 193 e solicitara uma prioridade. Eu nem vira isso acontecer. Estava tão focado em ajudá-la que me esqueci de tudo, até mesmo de pedir ajuda.

- Doutor – começou Miriam – qual é o nome do senhor mesmo?

- É Pedro, Miriam, e não precisa me chamar de doutor. Eu só irei me formar daqui a um ano mais ou menos. Pode me chamar de Pedro.

- Poxa doutor Pedro, o senhor salvou a mim e ao meu bebê. Até hoje eu não tinha um nome para dar a ele, mas agora ele vai se chamar Pedro e, se Deus quiser, vai ser doutor igual ao senhor.

- Nossa, que honra Miriam, muito obrigado! Assim eu fico mais emocionado ainda.

Eu ainda estava com o rosto cheio de lágrimas e ela não estava facilitando para mim. Sabendo que ela e o meu xará, nosso Pedrinho, estavam bem e que logo os bombeiros iriam chegar, tomei a liberdade de fazer-lhe algumas perguntas para conhecer melhor aquela mulher e como que ela chegara àquela situação. Aproveitei para colocar o Pedrinho já perto do seio de sua mãe, ainda com o cordão umbilical.

- Miriam, se você me permite perguntar algumas pequenas coisas, gostaria de saber um pouco sobre sua vida e como você chegou até essa situação.

- Ah doutor... se o senhor soubesse! Tem horas que nem mesmo eu sei. Minha vida é uma loucura, eu sou sozinha, moro na rua, já fiz coisas horríveis e sofri muita violência. Eu estava morando longe da cidade porque as pessoas de lá me expulsaram. Disseram que, lá nas barracas que eu morava, eles não admitiam bebê. O homem que manda lá é muito mau. Ele disse para ou eu tirava o bebê da minha barriga ou eu saía de lá e me virava sozinha. Eu não quis tirar doutor. Deu dó dele. Então eu me larguei aqui pelo parque. Tentei a sorte. E minha sorte foi o senhor.

- E agora Miriam, o que você vai fazer?

- Eu não sei não doutor.

Então eu lembrei que minha mãe havia trabalhado por mais de 15 anos no serviço social da prefeitura. Ela com certeza saberia encaminhar Miriam para alguma instituição de acolhida e

orientação social após ela e o Pedrinho receberem alta do hospital. Liguei para ela na hora, expliquei o ocorrido, ela quase caiu para trás, mas prontamente já começou a acionar seus contatos. Então tive que desligar, pois a ambulância havia chegado.

Passei o caso para o tenente dos bombeiros, que foi muito atencioso e acolhedor com Miriam. Eu queria ir com ela para a Santa Casa de Misericórdia de Tatuí, eu queria fazer mais! Mas entendi que, ali, minha atuação como médico, naquele dia, tinha sido suficiente.

Quando ela foi colocada na maca, junto do seu filho, segurou minha mão e disse para mim um sincero “obrigada”. A porta traseira da ambulância fechou, com todas as sirenes ligadas e tomou seu rumo para o hospital. Eu fiquei lá parado. Um turbilhão de pensamentos em minha cabeça, mas, dessa vez, tudo estava claro.

Pela primeira vez em minha vida, eu era capaz de olhar para ela como um todo, sinoticamente, e enxergar uma estrutura racional e permanente de sentido. Todo meu passado, erros e acertos, culminavam para aquele momento presente que se projetava harmoniosamente num futuro riquíssimo de propósito. Eu podia ver em mim, agora, um pouco do que via no tio Luiz Paulo, na sua personalidade eticamente constituída. Eu começava a visualizar que a medicina não poderia ser instrumentalizada para meus interesses, mas que, pelo contrário, ser médico seria um ideal capaz de justificar racionalmente as ações práticas.

Eu parei para ajudar Miriam porque tive compaixão, mas não apenas por isso. O taxista também teve compaixão, mas eu fui além dele na ajuda oferecida. Além da compaixão, eu amava um ideal: o ideal de ser médico. Este é um ideal milenar, nobilíssimo, ao qual eu voluntariamente a partir daquele dia decidi me submeter. Eu passei a desejar que tal ideal fosse um imperativo categórico em minha vida prática, moral e lógica. Por isso que se deseja conhecer mais e mais a medicina! Não por motivo de uma obsessão mesquinha e inútil! Olha, que se explodam as provas! Tudo isso vai passar! Uma hora eu passo na residência. Se não fora de primeira será de segunda ou terceira, sei lá! É só estudar. Se tem uma coisa que eu aprendi nesses anos foi *estudar*.

Naquele momento eu descobri verdadeiramente a que e quem eu estava a serviço. Não era de uma obsessão e não era de mim. Eu estava a serviço de um ideal e da saúde de meus pacientes. Por isso digo que, ali, olhando a ambulância partir, nasceu um médico.

- Doutor, o concerto já vai começar! O senhor vai ainda? – Lembrou-me o prudente taxista.

- Vamos. A partir de hoje, nunca mais viverei sem regência.